

OBRA ANALISADA **Várias Histórias**

GÊNERO Contos, 1896

AUTOR Machado de Assis

**DADOS
BIOGRÁFICOS**

Nome completo: Joaquim Maria Machado de Assis
Nascimento: em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro.
Morte: em 29 de setembro de 1908, no Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA

Comédia

Desencantos, 1861.
Tu, só tu, puro amor, 1881.

Poesia

Crisálidas, 1864.
Falenas, 1870.
Americanas, 1875.
Poesias completas, 1901.

Romance

Ressurreição, 1872.
A mão e a luva, 1874.
Helena, 1876.
Iaiá Garcia, 1878.
Memórias Póstumas de Brás Cubas, 1881.
Quincas Borba, 1891.
Dom Casmurro, 1899.
Esaú Jacó, 1904.
Memorial de Aires, 1908.

Conto:

Contos Fluminenses, 1870.
Histórias da meia-noite, 1873.
Papéis avulsos, 1882.
Histórias sem data, 1884.
Várias histórias, 1896.
Páginas recolhidas, 1899.
Relíquias de casa velha, 1906.

Teatro

Queda que as mulheres têm para os tolos, 1861
Desencantos, 1861
Hoje avental, amanhã luva, 1861.
O caminho da porta, 1862.
O protocolo, 1862.
Quase ministro, 1863.
Os deuses de casaca, 1865.

Tu, só tu, puro amor, 1881.

Algumas obras póstumas

Crítica, 1910.
Teatro coligido, 1910.
Outras relíquias, 1921.
Correspondência, 1932.
A semana, 1914/1937.
Páginas escolhidas, 1921.
Novas relíquias, 1932.
Crônicas, 1937.
Contos Fluminenses - 2º. volume, 1937.
Crítica literária, 1937.
Crítica teatral, 1937.
Histórias românticas, 1937.
Páginas esquecidas, 1939.
Casa velha, 1944.
Diálogos e reflexões de um relojoeiro, 1956.
Crônicas de Lélio, 1958.
Conto de escola, 2002.

Antologias

Obras completas (31 volumes), 1936.
Contos e crônicas, 1958.
Contos esparsos, 1966.
Contos: Uma Antologia (02 volumes), 1998

RESENHA

Várias Histórias é composto por dezesseis contos. As paráfrases abaixo seguem com o máximo de fidelidade as idéias do original, contudo pretendem apenas despertar no leitor o ímpeto de mergulhar no mundo machadiano 'cantarolando uma barcarola'. É digna de nota a advertência de Machado, que abre o livro:

AS VÁRIAS HISTÓRIAS que formam este volume foram escolhidas entre outras, e podiam ser acrescentadas, se não conviesse limitar o livro às suas trezentas páginas. É a quinta coleção que dou ao público.

As palavras de Diderot que vão por epígrafe no rosto desta coleção servem de desculpa aos que acharem excessivos tantos contos. É um modo de passar o tempo. Não pretendem sobreviver como os do filósofo. Não são feitos daquela matéria, nem daquele estilo que dão aos de Mérimée o caráter de obras-primas, e colocam os de Poe entre os primeiros escritos da América. O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias, é naturalmente a qualidade; mas há sempre uma qualidade nos contos, que os torna superiores aos grandes romances, se uns e outros são medíocres: é serem curtos.

A CARTOMANTE

Casada com Vilela, Rita apaixonou-se pelo melhor amigo do marido, Camilo. O casal vive um romance às escondidas, ainda que ambos recebam constantemente bilhetes ameaçadores de anônimos que desaprovam o adultério. Rita, insegura quanto aos sentimentos do amante, procura uma cartomante para saber se é correspondida; a velha a tranqüiliza e a envaidece. Certo dia, Camilo recebe um bilhete de Vilela pedindo-lhe que viesse urgentemente à casa do casal.

O jovem amante fica ressabiado e quieto procurando a cartomante para saber se não corria riscos e então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era

indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos.

Ao chegar à casa do amigo, Camilo constata que a cartomante havia mentido: "ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensangüentada. Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão."

ENTRE SANTOS

É a descrição da extraordinária experiência vivida por um velho capelão em sua igreja: presenciou a conversa entre vários santos na sacristia. A princípio, pensou tratar-se de cochichadas de defunto, afinal naquele tempo os cadáveres eram sepultados em igrejas.

Não. Eram S. José, S. Miguel, S. João, S. Francisco de Sales e S. Francisco de Paula que trocavam confidências acerca das orações e implorações daquele dia.

UNS BRAÇOS

Inácio, um jovem tímido de quinze anos, sente-se atraído pelos braços nus de D. Severina, esposa de seu ríspido patrão. Morava com o casal havia cinco semanas e seu único passatempo naquela casa, distante da família e dos carinhos da mãe, era apreciar os braços que saíam meio palmo abaixo do ombro de D. Severina.

Num domingo, enquanto dorme na rede do quarto, o garoto sonha com a dona dos braços encantadores beijando-lhe os lábios, o que de fato ela havia feito enquanto ele dormia: Aqui o sonho coincidiu com a realidade, e as mesmas bocas uniram-se na imaginação e fora dela.

Para o jovem, a sensação fora tão verdadeira que ele não sabia se o fato realmente acontecera ou fora apenas um devaneio. Na semana seguinte, o patrão lhe dispensou do ofício.

UM HOMEM CÉLEBRE

Pestana, um famoso compositor de polcas – música alegre composta para dança em dupla, muito em voga no século XIX – considera-se um fracassado por não conseguir compor uma obra clássica. Nem mesmo as fotografias dos grandes mestres – Mozart, Beethoven, Bach e Schumann – na parede de sua casa lhe inspiram tal empreitada.

Já as polcas saem-lhe naturalmente do piano e garantem a Pestana uma popularidade invejável entre os compositores daquele gênero. Após a morte da esposa, com quem se casara à busca de inspiração, o compositor decide dedicar-se à composição de um réquiem, composição clássica tocada durante a liturgia católica, em homenagem aos mortos. Nunca o concluiria, carcomido pela humilhação de não ser talentoso para publicar uma obra à altura dos grandes compositores.

A DESEJADA DAS GENTES

Durante conversa, um conselheiro confia ao amigo o grande romance que viveu na juventude ao lado de uma mulher chamada Quintília. Esta mulher era conhecida pela beleza, meiguice e legião de admiradores que atraía. O conselheiro diz que se aproximou daquela que seria sua amada graças a uma aposta feita com um companheiro. Ambos sabiam que não tinham chances, dado o número de pretendentes dispensados.

Ainda assim Quintília e o conselheiro tornaram-se amigos; consolaram-se muitas vezes; viam um no outro a própria metade; tinham uma cumplicidade permitida apenas aos grandes amantes. Faltava-lhes apenas oficializar a união já tão consolidada. Mas não. Quintília questionava o porquê de um casamento. Melhor seria continuarem amigos.

Quintília prometeu jamais casar-se. Indignado, o conselheiro deixa a cidade por alguns dias. Quando retorna, vai ter com a amada, que agora padecia de uma doença na coluna. Moribunda, Quintília resolve casar-se com ele. O matrimônio dura até a morte da esposa: dois dias.

A CAUSA SECRETA

Dois homens, Garcia (estudante de medicina) e Fortunato, se

conhecem de vista e se tornam amigos após socorrerem um ferido. Desde então, Garcia ficara impressionado com as raras qualidades de enfermeiro do amigo. Fortunato sugere que ambos abram uma casa de saúde. A princípio, o médico hesita, depois considera um bom negócio e aceita a empreitada.

Aberta a casa, arrepende-se: Fortunato não curou mais ninguém, pois era o próprio Garcia quem cuidava de tudo – examinava doentes, ordenava os enfermeiros, fazia as compras. Logo percebeu que a dedicação àquele ferido no dia em que se conheceram não passara de um infortúnio, cuja verdadeira intenção somente Maria Luisa, a esposa de Fortunato, conhecia: o prazer que tinha o esposo em apreciar o sofrimento alheio. Garcia apaixonou-se por Maria Luisa, que adoece e, pouco a pouco, é devorada por uma febre. Seu definhamento é ininterruptamente acompanhado pelo marido. A mulher morre. Enquanto Garcia lamenta a ausência da amada, beijando-a em soluços: “Fortunato, à porta, onde ficara, (saboreia) tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.”

TRIO EM LÁ MENOR

O conto é dividido em quatro partes intituladas por ritmos clássicos: Adágio cantabile (andamento musical cantável vagaroso), Allegro ma non troppo (Andamento mais ágil que o cantabile), Allegro appassionato (andamento rápido num tom apaixonado) e Minueto (sonata caracterizada pela delicadeza de seus movimentos).

A dama desta história é Maria Regina, uma jovem que mora com a avó e sente-se atraída por dois homens: Maciel, de vinte e sete anos, simpático e bonito, e Miranda, um senhor austero de cinquenta anos. Ambos também nutrem uma paixão pela jovem. Tentam ser gentis e cordiais a fim de merecer o coração de Maria Regina. Maciel comete um ato heróico: joga-se na frente da carruagem que levava Maria Regina e a avó, impedindo, assim, que um menino fosse atropelado. Ganhou prestígio e atenção.

Miranda era um homem sério, espirituoso e inteligente; estudava direito, mas sua vocação era a música. A jovem apreciava de longe os dois homens, não conseguia escolher um só porque nenhum deles, sozinho, reunia a perfeição que ela desejava. Os dois tinham qualidades que se completavam e defeitos que se anulavam. Eram como “estrelas duplas”, sobre as quais lera numa notícia de jornal, que parecem um só astro. Maria Regina continuou indecisa ao longo de dias e meses.

Pouco a pouco, ela vê seus dois amados se afastarem. Para o narrador, tudo morre, até a esperança.

ADÃO E EVA

Enquanto saboreia um doce, um grupo de amigos discute se a curiosidade é feminina ou masculina. Tal questão os faz lembrar a história de Adão e Eva.

Ao ser consultado, um juiz-de-fora, Sr. Veloso, verifica que as coisas no paraíso aconteceram de maneira diversa daquela contada no primeiro livro do Pentateuco. Curiosos, todos o incitam a contar a “verdadeira” versão. De início, Sr. Veloso esclarece que não foi Deus quem criou o mundo, mas o Diabo, ou melhor, o Tinhoso. Deus deixou-lhe as mãos livres e cuidou somente de corrigir ou atenuar a obra. Assim, o primeiro criou as trevas, as tempestades, os furacões, os vegetais sem frutos, os abismos... e o segundo criou a luz, a brisa, as árvores frutíferas, o sol, a lua e as estrelas.

Todos à mesa sentem-se logrados, pois Sr. Veloso não contou uma história verossímil, tampouco respondeu à questão inicial. O juiz-de-fora, levando uma colher de doce à boca, conclui: “Pensando bem, creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, (a anfitriã), se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando este doce.”

O ENFERMEIRO

Um homem, à beira da morte, narra sua inesquecível experiência

de enfermeiro vivida anos atrás. Aceitou de imediato uma proposta de trabalho para cuidar de um coronel cuja fama era assustadora: "homem insuportável, estúrdio, exigente, ninguém o aturava, nem os próprios amigos.

Gastava mais enfermeiros que remédios. A dous deles quebrou a cara."Famoso também era o elenco de doenças das quais padecia – de reumatismo a aneurisma. Passados sete dias, o próprio enfermeiro sentiu na pele o martírio de seus predecessores. O coronel o cobria de injúrias e atirava-lhe a bengala – rabugices que fizeram o enfermeiro, muitas vezes, querer abandonar seu cargo. Mas pobre velho não o deixou partir.

Certa noite, o enfermeiro pegou no sono e acordou com uma moringa arremessada pelo coronel. Irado, atirou-se ao doente e o esganou até a morte. Arrependeu-se e inventou que o velho acordara morto e dele não se separou até o enterro, afinal temia que desconfiassem de seu ato. De volta à corte, o enfermeiro foi tomado por uma comiseração de aflição e angústia. Sabia que o que fizera não era correto. Seu estado emocional se acentuou quando soube que o antigo patrão havia lhe deixado toda a fortuna como herança. De imediato, pensou em doar a fortuna: depois de tudo que acontecera, não era justo aceitar tal gratificação. Desistiu de tanta benevolência quando descobriu também que o coronel tinha sido muito mais cruel do que pregavam.

As histórias que ouviu apaziguaram-lhe a alma. Lentamente, foi se sentindo justo, satisfeito com a ação de outrora.

O DIPLOMÁTICO

O diplomático desta história é Rangel, homem de quarenta anos, muito bem relacionado, calmo, de fala mansa e à procura de uma esposa. Num baile de São João, evento que acontece todos os anos na casa de João Viegas, escrivão de uma vara cível da corte e pai de Joaquina, aquela por quem Rangel encontra-se apaixonado, o diplomático traz consigo uma carta e espera de poder entregá-la à amada na primeira oportunidade. Mas esta ora é interrompida pelo acaso, ora não é percebida a tempo.

E, finalmente, Rangel vê malogrados seus intentos quando chega também à festa Queirós, homem jovem e bonito, que atrai a atenção de todos os presentes e, pior, arrebatou o coração de Joaquina.

Seis meses depois, Rangel serviu de padrinho ao casamento de Queirós e Joaquina.

MARIANA

De volta ao Brasil após dezoito anos na Europa, Evaristo decide procurar Mariana, aquela que amava antes de deixar o país. Quando chega à casa, encontra tudo do mesmo jeito: os móveis, os objetos decorativos, inclusive um retrato de Mariana aos vinte e cinco anos.

Sua memória volta no tempo e a mulher do quadro vem ter com ele momentos inesquecíveis; tocamse, fazem promessas de amor. Por alguns instantes, Evaristo sente o mesmo desespero da época em que estavam juntos – amante de uma mulher casada e, lamentavelmente, desconfiado de que ela ama o marido, apesar de lhe jurar o contrário. O empregado da casa interrompe o déjà vu para conduzi-lo ao recinto onde estão Mariana e Xavier, o marido agora doente. A mulher estava desconsolada ao ver marido moribundo e pouco deu atenção a Evaristo. Xavier falece.

Após semanas, Evaristo encontra Mariana na rua, que não o reconhece, ou finge desconhecê-lo. Ele conclui, então, que o amor entre eles havia acabado e retorna a Paris, na esperança de assistir a uma promissora peça de teatro. Mas também a peça já havia saído de cartaz.

CONTO DE ESCOLA

Pilar, um garoto de aproximadamente dez anos, narra sua primeira aula de corrupção, seguida de delação. Pouco assíduo às aulas da escola, certo dia resiste às "aulas da rua" e segue para a

classe do professor Policarpo, famoso por sua rigidez e destreza com a palmatória.

Durante a aula, Raimundo, o filho do professor, propõe a Pilar que lhe ensine um capítulo de sintaxe em troca de uma moedinha de prata. Pilar hesita, mas a sensação de possuir uma pequena fortuna era grande: acaba aceitando a troca. Contudo, ambos não contavam que Curvelo, também aluno daquela classe, assistira ao acordo e os denunciaria ao professor. Isso foi suficiente para Policarpo passar um sermão nos dois negociantes e os deixar de mãos inchadas, além de jogar a moedinha de prata pela janela.

Na manhã seguinte, Pilar acorda decidido a chegar antes de todos à escola para ter a chance de encontrar a tal moeda. Mas o dia estava lindo e ele acaba encontrando um batalhão de fuzileiros marchando ao som de um tambor. Prefere segui-los.

UM APÓLOGO

Na casa de uma baronesa, um novelo de lã e uma agulha discutem quem tem mais importância. Tudo começa porque a agulha irrita-se com postura orgulhosa da linha ao dizer que ela, a agulha, é uma subalterna que mostra o caminho para a própria linha ir cosendo. Calam-se enquanto a costureira dá forma à melhor das sedas para vestir a baronesa num grande baile.

Chegada a grande noite, a costureira leva a agulha; já a linha vai no corpo do vestido e logo retomam a discussão: "diga-me, quem vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá." A agulha fica muda.

D. PAULA

Preocupada com a briga da sobrinha Venancinha com marido Conrado, D. Paula vai à casa do casal tentar apaziguar os ânimos. Encontra a sobrinha chorando e o marido já ausente. No escritório de Conrado, a tia fica sabendo o motivo da briga: a esposa estava se engraçando com um tal de Vasco Maria Portela. D. Paula leva um susto – pelo nome do sujeito só podia ser o filho de um homem pelo qual ela se apaixonara quando tinha a mesma idade de Venancinha.

Decide levar a sobrinha para passar uns dias na Tijuca, até Conrado se acalmar e perdoar a esposa. Na casa da tia, Venancinha confidencia sua atração por Vasco, que "lhe falava respeitadamente, dizia-lhe cousas amigas, que ela era a mais bonita moça do Rio...". Mas que ela não o amava; era de Conrado seu coração.

Enquanto ouve, D. Paula revive os momentos de seu romance com Vasco Portela, o pai. Vinham-lhe à tona reminiscências; as palavras reproduzidas do filho fundiam-se com a imagem do pai, quando jovem, na cabeça da senhora. Assim, enquanto a sobrinha passava os dias em sua companhia, D. Paula pôde sentir os bons momentos de seu romance da juventude.

VIVER!

Ahasverus, o último dos humanos, sentado em uma rocha, fita o horizonte e começa a sonhar. A idéia de morrer parece-lhe deliciosa; viveu séculos – penitência divina por não ter tido piedade de Jesus e o ter empurrado colina abaixo quando este passou carregando a cruz. Agora que nenhum mortal mais vive, deseja, desesperadamente, conhecer a morte, enfim descansar.

Surge Prometeu, que criou o primeiro dos homens e por eles roubou o fogo celestial; foi castigado por Júpiter a viver atado a uma rocha e ter seu fígado como alimento diário de uma águia. A figura mítica trava uma longa discussão com Ahasverus, que lhe relata sua jornada de vida e o motivo pelo qual deseja morrer.

Prometeu anuncia que uma nova raça povoará a terra, feita dos melhores espíritos da raça extinta, e ele, Ahasverus, será seu rei. Foi o suficiente para perceber que o último dos homens, que vivera séculos e séculos, e da vida se dizia cansado, queria realmente mais uma chance de viver.

O CÔNEGO OU METAFÍSICA DO ESTILO

Cônego Matias compunha um sermão quando lhe faltou um adjetivo. O narrador, consternado com a situação, sugere que subamos à cabeça do cônego e, assim, dá início à sua "memória psico-léxico-lógica", pela qual afirma que as palavras têm sexo, amam-se, e do casamento entre elas surge o estilo do escritor. Começa, então, a investigação do cérebro eclesiástico. Nele, Sílvio e Sílvia procuram-se em meio a coisas velhas e novas, mesmo estando o cônego absorto em afazeres distintos da produção do texto em questão. "Sílvio não pede um amor qualquer, adventício ou anônimo; pede um certo amor nomeado e predestinado".

Enquanto isso, o narrador leva-nos da consciência à inconsciência de Matias, onde "se faz a elaboração confusa das idéias, onde as reminiscências dormem ou cochilam." Sílvio e Sílvia perambulam pelas idéias, memórias, vozes, sensações esvaidas, medos gostos; ouvem-se cada vez mais perto, cruzam aulas de teologia, de filosofia, de liturgia, sentem a mão do filósofo Spinoza... Volta o cônego à mesa de trabalho, relê o que escreveu, pega a pena molhada e decide anexar o adjetivo ao substantivo. Enfim, Sílvio e Sílvia se encontram, "ofegantes de cansaça, mas remidos com a paga"; abraçam-se e regressam da inconsciência para a consciência. Seguem juntos no sermão que Matias posteriormente irá pregar.

ESTILO DE ÉPOCA

Fase áurea do Realismo brasileiro e da ficção machadiana (1880-1900).

INTERTEXTUALIDADE

O autor utiliza a intertextualidade, travando diálogos com escritores clássicos como Shakespeare e Goethe; com filósofos como Spinoza e São Tomás de Aquino; e, principalmente, com passagens da Bíblia.

São constantes certas doses de ironia perpassadas de humor e de pessimismo. A narrativa curta machadiana é ágil, versátil, prende o leitor das primeiras às últimas linhas.

VISÃO CRÍTICA

Os contos de *Várias Histórias* podem ser agrupados em três grupos temáticos:

Grupo I – Contos que têm por base o estudo da alma feminina: "A cartomante", "A desejada das gentes", "Mariana", "D. Paula" e "Trio em lá menor".

Grupo II – Contos em que o escritor ressalta estudos do caráter humano, reunindo histórias de inquirição psicológica: "Uns braços", "Um homem célebre", "A causa secreta", "O enfermeiro", "O diplomático", "Conto de escola", "Entre santos".

Grupo III – Contos que buscam teorizar ou caracterizar genérica e filosoficamente os homens ou o próprio ato da escritura: "Um apólogo", "Adão e Eva", "Viver", "O cônego ou a metafísica do estilo".

Copyright © 2000-2011 Escola24horas S.A. Reprodução Proibida